

Apresentação GALERIA DE LOUCOS

Os textos que integram este dossiê orbitam uma indagação recorrente, que se refere à presença da *loucura* em discursos mais ou menos ficcionais, em momentos diversos, em contextos díspares e sob ângulos ou perspectivas, em cada caso, muito específicos. Mais do que selecionar um *tema* em torno do qual se componham análises independentes, o projeto, em seu conjunto, volta-se para a exploração do modo como as *linguagens* da loucura podem se (re)constituir *na e pela* ficção, *no e pelo* discurso. Ou: para a exploração *dos modos* pelos quais se podem flagrar tais reconstituições, considerada a volatilidade desse campo conceitual.

Decerto, lidar com o que se possa entender por *loucura* em cada tempo e em cada contexto é um problema frequente sobre o qual os pesquisadores aqui reunidos vão se deter, no processo de sua escrita. Evocam-se, assim, estudos fundantes sobre o problema, tais como as investigações de Foucault que, em sua *História da loucura*, abre um arco histórico para pensar elementos implicados (o próprio Foucault, em seu processo filosófico, entendeu como decisivo o encontro com esta modalidade discursiva a ser pensada como contra-episteme: o objeto por vezes recoberto com a designação *literatura*).

Em ensaio muito citado pelos estudos que compõem esta edição de *Miscelânea*, Peter Pál Pelbart recupera uma distinção que parece pertinente, ao encontrar em Jean Starobinski uma formulação segundo a qual teríamos, contemporaneamente, dois enfoques correntes, distintos e irreconciliáveis a propósito da loucura. O primeiro seria o clínico; o segundo, o cultural. Psiquiatras e terapeutas comporiam os sujeitos da primeira perspectiva (teríamos, no caso, um sentido para *loucura* recoberto pelos signos da dor e da ruína), enquanto, no segundo grupo, a modernidade cultural, poética ou filosófica tenderia a deslocar o pensamento para o âmbito da vanguarda cultural e estética – ou mesmo política (em especial, no caso dos surrealistas).

Assumindo a operacionalidade dessa abordagem dúplice, a perspectiva deste dossiê é eminentemente cultural, uma vez que estas leituras da *loucura* se fazem perpassar por algo da *positividade* descrita por Pelbart, mesmo quando se trata de ficcionalizar ou converter em discurso aquele universo de *dor e ruína*. Tensionam-se, assim, aqueles dois enfoques – como já proposto também por Foucault e por outros filósofos, historiadores ou teóricos (de muitas áreas), ao se ocuparem da questão.

A *loucura* acompanha o mundo das artes pelo menos desde a Antiguidade greco-latina. A desrazão costuma se articular a determinadas tópicos, retomadas em verso e prosa ao longo dos séculos. A insanidade pode resultar do amor não correspondido ou da ideia fixa; mas também pode reforçar a discrepância de enunciadores, face à aparente normalidade de quem os cerca. Neste volume da revista, pesquisadores e professores que atuam em diversas instituições do país abordam personagens que a tradição literária costuma definir como insanas. Essas histórias contam com narradores que evidenciam contrastes entre a postura irracional de uns e a conduta (teoricamente normal) de outras personagens. Porém, simultaneamente, as narrativas permitem relativizar a coerência das criaturas pintadas como racionais.

Como objeto de análise ou como evocações pontuais, os ensaios recobrem ocorrências da *loucura* (ou construções enlouquecidas) em escritores de várias nacionalidades e tempos históricos, como Guimarães Rosa, Dyonelio Machado, Lima Barreto, Antônio Serrão de Crasto, Edgar Allan Poe, Gonzaga Duque, Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens. Os artigos recorrem a disciplinas relacionadas aos eixos em discussão (como a história, a psicanálise, a crítica literária, a filosofia), embaralhando metodologicamente suas fronteiras e limites; os autores formulam proposições relativas a momentos históricos muito distantes entre si, em exercícios de investigação e de leitura fundamentados e instigantes, desdobrando-se cada um dos artigos em abordagens específicas, ainda que integradas à composição de um quadro geral.

A certa altura da novela *O Alienista*, de Machado de Assis, o médico Simão Bacamarte contrapõe seus primeiros diagnósticos sobre a insânia a um certo choque de realidade: “A loucura – ele descobre, ao se despedir de D. Evarista, que viajará para o Rio – objeto de meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente”. Desejamos que os leitores transitem livremente pelos ensaios cá reunidos, seja por terra, seja por mar, mas sem se despedirem nunca dos jogos de perspectiva, da complexidade e das nuances que cada autor, a seu modo, empenhou-se em palmilhar.

Boas leituras!

São Paulo, primavera de 2024

Francine Fernandes Weiss Ricieri¹
& Jean Pierre Chauvin²

¹ Professora Associada 3 de Literatura Brasileira na EFLCH/UNIFESP, Guarulhos, SP.

² Professor Livre-Docente de Cultura e Literatura Brasileira na ECA/USP, São Paulo, SP.